



# PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES: UNI-VOS!

# Avante!

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (SPIC)

## Balanco da primeira legislatura

DA ASSEMBLEIA NACIONAL

Fechou há pouco tempo o «parlamento». Consumidos mais uns milhares de contos em 3 meses, no espectáculo permanente de S. Bento, resta fazer o balanço dessa assembleia reaccionária, onde foram colocados os elementos mais rancorosos da burguesia.

Quantas resoluções saíram, elaboradas por es a tertúlia de parlamentares, tendentes a resolver os problemas vitais das classes trabalhadoras? Onde estão as resoluções encarando o desemprego, e as medidas imediatas para melhorar a vida de milhões de famílias, e constantes ataques do patronato, contra os já reduzidos salários dos trabalhadores? Quais as medidas adoptadas, e tendentes a melhorar as condições de vida, seguro social, demissão de rendas de casa, etc., etc. ...? E a chamada «cultura popular», analfabetismo, etc., como foram abordados estes problemas e como foram resolvidos?

Temos na nossa frente os resumos das várias sessões da Assembleia «Nacional», ou seja, a resposta a quantas perguntas formulamos acima da sua leitura depreendemos que a preocupação essencial da primeira assembleia ficou limitada a isto: aumentar as medidas repressivas, reforçar a política monopolista de Salazar, alargar a preparação da guerra, aprovar um, mais do que vago, plano chamado de reconstrução económica, entregar o ensino oficial nas mãos da religião católica... e mandar construir uma estátua a Sidónio Pais! Um projecto, embora demagógico, de «luta» contra a carestia da vida, foi reprovado; igual sorte teve uma proposta para a extinção do analfabetismo... por T. S. F.!

No entanto, a crise económica, a despeito dos apregoados «equilíbrios» orçamentais intensificou-se extraordinariamente. Para salvar o grande capital, os governantes fascistas já não fazem caso dos «sagrados direitos da propriedade privada» — da pequena propriedade, entenda-se — e enviam os seus bandos policiaes arrancar as cêpulas dos pequenos lavradores. A «planificação» da economia, segundo o método de Salazar, nega hoje o que ainda ontem apresentava como «verdade eterna»: após uma assanhada campanha do Trigo, que obrigou muitos pequenos lavradores a dedicarem-se por completo à sua produção, surge, repentinamente, um decreto — do próprio Salazar — impondo a restrição da produção, não fossem baixar o preço do pão... e os interesses dos grandes senhores da terra! Neste período de tão intensa agudização da crise

Continua na 6.ª página

## O «Porto de honra» na Camara Municipal de Lisboa e os problemas do movimento revolucionario português

Em 1930, Oliveira Salazar dirigiu-se à «Sala do Risco» e declarou aos Altos Comandos já reunidos:

— Meus senhores: pretendo reduzir o 28 de Maio a um simples movimento de caserna e não ter em conta as forças destrutivas que medram no país e que ameaçam pôr termo a este regime.

A Salvação da Ditadura estava ligada à conquista dum *bas civil* ao seu apoio. Toda essa luta furiosa pela União Nacional e pela A. E. V., pelos Sindicatos Nacionais e pelas Casas do Povo, a rematar com a Constituição da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa, que preenchem a actividade dos fascistas, durante os últimos cinco anos, não foi posta em prática, senão como processo de realizar aquela conquista.

Baqui, o «Porto de Honra» do dia 27 de Abril, que devia representar uma apresentação, ao Exército, dos resultados colhidos neste campo, liga a si uma importância histórica nacional importantíssima.

A tomar a sério toda a demagogia governamental, sobre as *grandes vitórias da luta corporativa*, seria de esperar que o Presidente do Conselho se dirigisse, desta vez, ao Exército, nestes termos:

— Descançai almas cristãs, porque o Estado Novo, entrado na alma do grande povo português nasceu já.

Todavia o tom do novo discurso foi muito outro. O Presidente do Conselho falou de 28 de Maio *para a esquerda e para a direita*, recordando a *figura de general Gomes da Costa* e acabou por declarar, em substância, aos chefes do Exército:

— Ajudai-me, em vez de me atacar-des!

O vosso apoio é deficiente!  
E, afinal, eu só conto com o vosso apoio!

Ao lêr os jornais do dia 28 de Abril, o grande público deu-se conta — e agora dum modo oficial — que o nosso Partido vive a trabalhar rotineiramente entre o proletariado e alarga a sua influência, no campo da pequena burguesia e da intelectualidade, aparecendo, já, como a única força organizada que se defronta com a Ditadura.

E o Presidente do Conselho, colocado ante a realidade do nosso crescimento e sem poder paralisá-lo, apesar do terrorismo posto em prática contra o nosso Partido, preocupou-se em *provar cientificamente* que esse facto se deve a *uma espécie de intresse estratégico da Ditadura*.

Ora, o nosso crescimento não

tem nada que vêr com a *stratégia* do Presidente do Conselho. O nosso crescimento é filho, em primeiro lugar, do seguinte: *a crise geral do capitalismo substituiu a industria manufactureira pelo capitalismo dos monopólios e pela racionalização. E este facto — tanto faz que o Estado burguês tome a forma de «democracia» como de ditadura — deu e vai dando, cada vez mais, ao proletariado português uma consciência independente, de «classe por si», que começa a medir-se com a classe adversária.*

O facto de o Estado burguês se encontrar agora entregue às formas de Ditadura militar-fascista, só representa que este processo de revolucionarização do nosso proletariado já se encontra numa etapa bastante adiantada e que a questão da Revolução Operária e Camponesa passou a ser uma questão de toda a actualidade prática.

Dentro do capitalismo já não há sombra de saída. Daí o crescimento da nossa influência no campo das camadas médias e da intelectualidade.

«Nós — diz, agora, o dr. Salazar — não temos responsabilidades nem compromissos nos abusos do capitalismo ou da propriedade; não as queremos ter com os excessos a que tenha sido sujeito o trabalho em quantidade, em remuneração, em condições de hygiene ou de moral, nem reputamos que a organização económica actual tenha conseguido dar inteira segurança ao trabalhador, satisfação suficiente ás suas necessidades, respeito á sua pessoa, estabilidade e paz á sua família».

Tal é o quadro da bancarrota capitalista económica, política e social portuguesa.

*Por acaso os fascistas já esqueceram que toda a luta pelo fascismo totalitário foi feita debaixo da pregação, de que a «democracia» falhou por ter abandonado os trabalhadores á sua própria sorte, e que o «Estado Novo» era o «intervencionismo» que criaria no país uma «nova era de felicidade», por meio da colaboração de classes?*

Que significa todo o novo arraçoado do Presidente do Conselho? Significa, em primeiro lugar, que *o nosso Partido está cheio de razão quando proclama que para salvar o proletariado, os camponeses e a intelectualidade do país é preciso derrubar o sistema capitalista*. Significa, em segundo lugar, que debaixo da demagogia do que a

(Continua na 2.ª página)

## Contra as calumnias fascistas:

Poder Soviético e ditadura fascista

A URSS é, para o «Estado Novo», uma sombra negra que enche de pezadelos o dormir agitado da camarilha salazarista, pois não ignora que os operários e camponeses portugueses assim como as camadas intelectuais olham com crescente simpatia para o único país no mundo onde se edifica a sociedade socialista e onde não é possível a barbárie fascista.

Tudo que há de mais infame é a «luta» nessa campanha de excitação anti-soviética, que também pretende ir criando uma psicossuguerreira contra a pátria do proletariado mundial.

Quanto no mundo e pitalista a burguesia se esforça em negar a democracia e em reforçar os regimes de terror fascista, na URSS, o desenvolvimento da democracia proletária toma novos e grandiosos aspectos.

Quasi no mesmo momento em que se realizavam as eleições para a Assembleia Nacional, em Portugal, na URSS, as eleições para os Sovietes. Em Portugal tinham «direito» a voto umas 600.000 pessoas, ou seja, cerca de 6%, da população geral do país. Na URSS, votaram 9 milhões de trabalhadores, ou seja, cerca de 60% dos habitantes. Na URSS votam todos os cidadãos com direito a voto, a partir dos 18 anos. Em Portugal, têm direito a voto apenas alguns raros elementos proletários, uma reduzida parte da pequena burguesia, empregados e camponeses, e as camadas da burguesia. A grande maioria da população está excluída do voto pelas restrições do sistema eleito ali. Na União Soviética os representantes do povo são eleitos pela vontade dos trabalhadores, e em condições para se manterem nos seus cargos e á na realização dos planos de trabalho fixados nas es e bleias de todos os electores. Nas últimas eleições, os trabalhadores apresentavam as tarefas que os novos electores para os Sovietes devem realizar nas suas vilas, aldeias e cidades: clubs, sanatórios, institutos, piscinas, armazens, fábricas, etc., etc. O Congresso Pan-Russo dos Sovietes reuniu 2.000 delegados. Como estes números e estes processos estão distantes dos 90 deputados da Assembleia Nacional e dos «membros» do Estado Novo!

A par da maior democratização do sistema eleitoral e da própria Constituição Soviética, cresce claramente o bem estar das massas trabalhadoras da URSS. Em 1934, venderam-se mais 30% de produtos alimentícios e de produtos diversos do que em 1933. O montante dos depósitos, nas Caixas de Depósitos da URSS, aumentaram de 488 mi-

Continua na 5.ª página



## O "porto" de honra...

(Continuação da 1ª página)

obra de «Estado Novo» «apenas se encontra no começo» e de que o que é preciso, antes de tudo, é «ordem social»; a Ditadura promove uma nova ofensiva do capital contra os trabalhadores e pede aos oficiais do Exército que se preparem para fazer de Têrcio Marroquino.

O recente discurso do Presidente do Conselho é a prova mais evidente de que nos próprios quadros do Exército agravam-se as tendências contrárias ao reinado Carmona-Salazar. O Presidente do Conselho procura vencer estas dissensões, transformando-se em cavaleiro apocalíptico da nova guerra e prometendo, debaixo desta perspectiva concessões largas à oficialidade do Exército e da Marinha.

Este plano segue preso, porém, a várias contradições. As tendências de oposição à nova guerra, crescem no terreno internacional popular, e isto dificulta a questão dum novo acréscimo da cruzada de rearmamento e de concessões largas à oficialidade do exército em geral, sob a égide do patronato inglês. De outro lado, nove anos de Ditadura e seis anos de crise geral do capitalismo esgotaram a capacidade da economia nacional para servir de sustentação do militarismo proposta pelo Presidente do Conselho. As massas laboriosas começam por levantar-se já nas cidades e nos campos, contra a crise, contra o fascismo e contra a guerra. Os oficiais não formam o todo do Exército. O capitalismo já não pode utilizar o todo das suas próprias armas, para esmagar os movimentos, de massa, contra a fome. Por fim a base de apoio popular da Ditadura, restringe-se momentaneamente e isto opera-se nas condições do desmoronamento do «patriarcalismo» revirabista, da elevação da cédula anti-fascista das grandes massas e do robustecimento do Partido Comunista.

Todas as manifestações e lutas proletárias, camponesas e anti-fascistas dum modo geral, provaram que as massas estão sedentas dum Partido inteiramente votado à sua causa.

Não devemos responder à nova pregação salazarista com a elevação do nosso entusiasmo bolchevique. Urge vencer todo o retardamento aborçagem prática das massas proletárias. A luta à cabeça do proletariado e dos camponeses laboriosos contra a ofensiva do capital, pela suas reivindicações concretas, deve constituir a nossa palavra de ordem central. Todo o sectarismo que nos empenha de ganhar à frente anti-fascista — nas fábricas e nos campos, nas ruas e nas escolas, nas casernas e nos navios de guerra — tudo o que é contra a Ditadura, e de nos transformarmos nos militantes mais dotados desta frente, deve ser completamente rechaçado. A luta pela frente única do movimento proletário, sob o signo da unificação e da reconstrução dos sindicatos livres da classe operária, coloca-se-nos como ponto central de toda a nossa actividade. Os melhores elementos da classe operária e que estão pela luta de classes — anarco-sindicalistas, socialistas, republicanos, ou sem partido — devem ser ganhos a este trabalho, e encontrar em nós

# A Situação Internacional e o PACTO FRANCO-SOVIETICO

A tensão internacional elevou-se a tal ponto nos últimos três meses, que o mundo ainda respira um ambiente semelhante a aquele que fez estalar a conflagração de 1914. O rearmamento geral que a Alemanha vinha fazendo passou a tomar uma expressão aberta e acelerou-se numa forma extraordinária, a partir de 16 de Março. Sob o pretexto do rompimento, por parte da Alemanha, com as cláusulas militares do Tratado de Versalhes, uma furiosa corrida aos armamentos e às mobilizações passou a ter lugar nos quadros de todos os países capitalistas. E esta política que coloca a Europa num estado de brazeiro, foi qualificada pelos Estados burgueses como político da garantia da paz.

A Inglaterra, como preparadora, durante vários anos, da frente capitalista contra a URSS, foi responsável pelo rearmamento alemão. Houve um tempo, até, em que a Inglaterra encorajou esse rearmamento, sob o signo de luta contra o Estado Proletário. Fazer convergir para a saída guerreira contra a União Soviética, todo o desenlace das contradições do capitalismo, tal era o objectivo no momento da partida do «lord do Selo privado» para Berlim. Portugal capitulista, que já não vê uma saída senão numa nova mortanda te geral do seu próprio povo reflectiu este estado de espírito da burguesia mais reaccionária e mais terrorista que detem nas mãos o governo em vários países: «Atingir por Berlim, o objectivo do urso moscovita» eis a que se presta sem ruço, nem rodeios pelo «Diário de Notícias».

Em Berlim os elementos qualificados da política britânica viram-se a contatá-la com a sua própria obra. As contradições capitalistas fazem estragos de tal maneira na Alemanha, que Hitler não pode ocultar

os melhores camaradas de luta contra a Ditadura e contra o sistema capitalista. É preciso ganhar a luta contra a guerra tudo aquilo que não quer a guerra. É preciso passar das discussões gerais e do palavreado à acção e à organização.

Na base das fábricas e dos centros de aglomeração de massas, em toda a parte onde medram as tendências anti-fascistas, nós devemos lutar pela frente única contra o fascismo e contra a guerra, contra a ofensiva do capital e pela defesa da União Soviética, dirigindo-nos a estes termos aos trabalhadores e anti-fascistas: «És anarco-sindicalista, ou anarquista, socialista, republicano ou sem Partido?

Apesar disso podemos, e devemos trabalhar juntos. Nós reconhecemos toda a liberdade de fazer a vossa própria doutrina e o vosso proselitismo, porque nós também defendemos esse direito para nós próprios. Numa coisa, porém, devemos estar de acordo: o fascismo e a ofensiva capitalista, o terror branco e o perigo da guerra imperialista ameaçam-nos a todos com o mesmo grau de dureza selvagem. Apenas vos pedimos que venhais à acção, e à organização da luta geral contra o império do fascismo, contra o espectro da guerra.

o fundo das verdadeiras ambições territoriais do imperialismo a que serve de caixeiro. Quando os representantes ingleses chegaram a Moscovo já tinham nas mãos os dados do problema.

Hitler conhecedor do papel jogado pela Inglaterra capitalista, na preparação da frente contra a União Soviética, apresentou aos delegados ingleses as reivindicações militares do Reich sob o signo da colocação dum dique à expansão do «imperialismo vermelho». Em Moscovo, no decurso das conversações com Staline e com Litvinof a Inglaterra e todo o mundo pode constatar, e sem possíveis malabarismos que a URSS ligou toda a sua política interior e exterior à luta pela paz. No lugar de subterfúgios, ou de qualquer demagogia própria dos Hitlers e do capitalismo apodrecido, os representantes soviéticos apresentaram a plataforma do pacto oriental — do qual a Alemanha poderia — poder ainda! — fazer parte — como processo de garantir a paz a Leste, ao mesmo tempo que sublinharam à Inglaterra o interesse que ela deveria ter de transformar-se em realizadora dum pacto regional semelhante, para a garantia da paz no Ocidente.

É incontestável que a Conferência de Strezza e a reunião da Sociedade das Nações, que votou quasi

## No forte de Angra!

A situação dos prãos da fortaleza de Angra, agrava-se de dia para dia.

Incomunicáveis há quasi dois anos, ainda podiam, até há pouco, escrever a suas famílias, apesar da correspondência sofrer a mais rigorosa censura. No entanto, conseguiram fazer passar alguma correspondência para o exterior sem que fosse à «censura». Porém, por declaração do republicano Jaime da Condição Côde, cabo de mar reformado, natural de Lagos e residente em Setúbal à data da sua prisão, (que, como prémio da sua traição, já vem a caminho da Metrópole...), foi descoberta a maneira como comunicavam para o exterior, o que originou a prisão dum habitante da ilha que se encontra sob a mais rigorosa incomunicabilidade na fortaleza, e a maioria dos nossos camaradas metidos nos já tão célebres «calejões» o «poterna». Não sabemos promotores detalhados sobre o que ali se passa, pois a comunicação que nos chegou às mãos era a mais lacónica possível, e nenhuma pessoa de família recebeu correspondência.

O que não resta dúvida é que alguns dos melhores militantes anti-fascistas do movimento revolucionário, sofrem a mais dura incomunicabilidade naquela fortaleza, não podendo, sequer, escrever a suas famílias!

Urge que se formem nas fábricas, campos, escolas, etc., amplas comissões que vão conjuntamente com as famílias, protestar junto do Governo, contra o regime prisional a que estão sujeitos os prãos de Angra e todos anti-fascistas a ferros da ditadura salazarista, salvando-os da morte lenta.

unanimemente a condenação da decisão unilateral da Alemanha, foram resultantes na sua grossa percentagem, desta política absolutamente clara da União Soviética e do facto de se ter posto a claro que, nas condições actuais das contradições entre os vários países capitalistas, o peso da URSS, como potência, e do est. do de endurecimento das forças revolucionárias que combatem a guerra nas próprias fronteiras dos países capitalistas, — a tese soviética da «indivisibilidade da paz» é o único caminho que pode obstar à eclosão duma nova carnificina imperialista.

Esta situação esclareceu os que querem a guerra e os que a combatem. Os Hitlers que haviam proclamado que a tese alemã do rearmamento viera a campo para opor um dique à expansão do «imperialismo vermelho» e para defender a «civilização ocidental» deram uma nova expressão aos seus intentos de guerra imperialista, precisamente em resposta à nota da Sociedade das Nações.

Aquelles mesmos — Portugal fascista inclusivé — que tomaram a corrida a armamentos como símbolo de garantia da paz, desmoronaram-se.

O proletariado deve saber aproveitar esta lição.

A política de paz da União Soviética, o ambiente mundial popular sedento de paz, e a situação particular creada a França, conduziram ao estabelecimento do pacto franco-soviético. É um erro supor que este pacto é uma aliança militar no sentido vulgar do termo. De resto, os próprios órgãos de imprensa mais qualificada da burguesia — incluindo o próprio «Times» — já foram obrigados a revelar este facto.

O pacto franco-soviético é, do lado da URSS, uma arma que prossegue a manutenção da paz. Os nossos pactos — tal é a voz da União Soviética — não são dirigidos contra ninguém. «A União Soviética» — escreviam «As Izs stias», em 1 de Abril — uma força imensa que obriga, até, os representantes de uma outra ordem social, a terem conta a sua existência; Esta força da União Soviética será posta a trabalhar ao serviço da paz geral.

Quer isto dizer que o lema soviético é o único lema da salvação da humanidade, ante a ameaça duma nova carnificina imperialista.

A situação internacional presente coloca a frente mundial contra a guerra, novos problemas. Se o fascismo se vê obrigado a abandonar os seus planos guerreiros, não pode já justificar os inúmeros sacrificios financeiros ligados aos preparativos de guerra. Desde este momento, a reanimação artificial da economia provocada pelo considerável aumento da produção das indústrias de guerra, deve fundir-se. Mas o agravamento da crise económica daqui resultante deve arrastar a profundas consequências, do ponto de vista da política interior. A luta contra a guerra terá de ser, deste duplo aspecto, uma luta contra o fascismo, contra a exploração do homem pelo homem, pela libertação da humanidade.

# Frente de Luta Operaria e Camponesa

## Os camponeses revoltam-se contra a politica do «Estado Novo»

A DOS CUNHADOS (Torres-Vedras) — O povo já tinha sido levado que lá iam os fiscaes do governo e a G.N.R., procedendo ao arranque das cepas. Exponentemente a massa combinou com os camaradas de outras terras que ao toque dos sinos a rebate, e ao estrepido de dois morteiros tudo acudiria aevitar o arranque.

Quando a guarda appareceu, immediatamente dois guardas se dirigiram para a igreja para evitar o toque a rebate. Mas... o senhor prior já tinha cortado a corda do sino, aquêlê santinho!

Então subiram os morteiros. Logo os trabalhadores se dirigem em massa para o largo onde estava a Igreja publica. O povo grita. Um comerciante da terra que tem feito uma fortuna fabulosa a custa dos trabalhadores, figura preponderante porque os tem todos na mão (ele vende fiado...) mete-se entre a multidão para acalmar. E (caso unico!) o senhor Lino, assim se chama o cavalheiro que era sempre ouvido com todo o respeito, ali ninguém quer saber dele! O povo está furioso com o padre. A guarda é cercada por todos os lados e, então, mete as armas à cara e desfecha à queima-roupa. Há numerozinhos feridos mas a massa avança mais. Dois guardas são desarmados por jovens rurais que infelizmente não fazem uso das armas por não sabem maneja-las. E gravemente ferido, com uma machadada, um guarda, ficando outro levemente.

Estabelece-se o tiroteio e o povo, então, debanta, mas as cepas ficam na terra!

Já consta nas aldeias mais próximas e a GNR pede reforços.

E, durante quatro dias, a GNR não fez outra coisa: então correr ao encontro das massas camponesas para evitar as marchas sobre Torres que elas a viva força queriam fazer, sendo o posto local reforçado com 10 praças comandadas por um offical e uma camorreta com metralhadoras.

O povo de Aldeia Grande, em ligação com o de Maxial e Monte Redondo tentaram também marchar sobre Torres, mas quando os de Aldeia Grande chegaram a Maxial, para se juntarem, appareceu um tal Mário Jordão, lavrador e grande explorador dos trabalhadores do Maxial (o desflorador de grande numero de raparigas camponesas) que falou a massa trabalhadora maxialense dizendo-lhe que caso fossem, lhes não daria mais trabalho! O miseravel e o mesmo que há tempos disse que os trabalhadores «devem passar fome» para não virem para a rua arijar em valentões e bolchevistas. E que só assim é que eles se ensinam...

O senhor Lino, nesta manifestação de massas, fingiu que estava indignado com a G.N.R.; no entanto sabe-se de fonte segura que dias antes elle havia falado com o administrador, dizendo-lhe para requisitar mais praças da G. R., porque o povo com toda a certeza se revoltaria! Estão a ver a manobra? Apanha os trabalhadores, dizendo-se indignado com a repressão, para assim ficar bem conceituado;

sorratamente prepara a mesma repressão não esquecendo pormenores...

Alguns membros da organização local disseram (quando se estavam desenrolando os acontecimentos) que os camaradas rurais estavam fazendo «um frete ao capitalismo» visto que o sr. Lino estava metido na questão e dizia estar com eles.

Que importa que elle tivesse feito esse jogo de canicua? A massa revoltou-se para defender as suas terras e não para obedecer a palavras do sr. Lino. O factor da revolta é bem concreto: defeza das cepas que o «Estado Novo» condenara ao arranque. Iria esse arranque prejudicar também o sr. Lino nalgumas terras de que elle seja proprietário?

Não interessa. O povo defendeu as suas cepas.

«Eles dizem que depois semeia-se trigo! Mas o trigo dá trabalho duas vezes (semeadura e ceifa) e a cepa dá trabalho todo o ano! — diziam os camponeses»

Então isto é «frete»? Então isto não será uma base consciente para a revolta? Revolta-se o pequeno camponês para defender a sua cepa e revolta-se o rural para defender o trabalho que he dá a ceifa e que lhe garante o seu sustento? Que melhor demonstração de materialismo em fogo?

E dizem-se revolucionarios os homens que chamam «frete» um movimento tão concreto...

ALCANHOES — Os camponeses desta localidade, acompanhados de suas mulheres e filhos, apresentaram-se na Câmara Municipal de Santarém, exigindo trabalho. De volta ás suas terras e estando os animos exaltado, dispuseram-se a assaltar tudo. Em vista disto a povoação foi occupada pela guarda republicana, pretendendo a Câmara enviar os trabalhadores, britar pedra, para uma estrada distante, pagando-lhes 6500 diários; ficando a cargo dos trabalhadores, as passagens e a alimentação.

Os camponeses regeitaram, porque além de se terem de afastar da familia, morriam de fome.

Dias depois em Alpiarça os camponeses revoltaram-se, dando-se caso semelhante.

### Assim se luta!

ALMADA (Margueira Velha) — Na fabrica de cortiça da firma Buckuel & Sousa exploração atinge o máximo para que os lucros dos patrões não diminuam mesmo durante a crise.

Por todas as secções se inventam processos que prejudiquem os operários nos seus salarios ou na sua saúde. Tudo para se poupar porque dizem os dirigentes «é preciso fazer economias»

Na secção de triçadores, onde trabalham 12 homens, e-lhes imposta uma tarefa que consiste em certo numero de tabuleiros de cortiça que devem ser trabalhados. Para melhor os explorar que faz o patrão? Tem a cortiça ao ar, a secar, para que reduza de volume e, em mesmo tabuleiro leve mais materia,

## O povo do Barreiro luta pela libertação dos presos!

O Barreiro foi sacudido, a 19 de Abril, por uma potente manifestação de massas. Esta manifestação teve lugar como resposta a prisão e ás torturas selvagens applicadas pela Policia de Informaçoes a cerca de meia centena de operários presos, após a semana de 25-2 Fevereiro-Março, promovida pelo P.C.

Quer na imprensa ilegal («O Proletário»), quer em manifestos do Partido, já foi dito que, em relação a algumas dezenas destes trabalhadores a Policia usou de toda a especie de matracas, supplicando-os a mais não poder ser.

Muito antes do dia 19 já a população do Barreiro tinha tido occasião de verificar como estava sendo tratada a parte, melhor da sua carne e até que ponto ia a selvejaria da Policia de Informaçoes. Varios presos foram vistos em estado lastimavel, quando, após os interrogatórios, eram trasladados para a prisão. A mulher dum preso, ao despedir-se do seu marido foi rudemente espancada por um cabo de policia — o cabo Cardoso.

Estes factos encolerisaram o povo. E esta colera traduziu-se, logo a partir dos primeiros dias, pela formação de grupos de trabalhadores e, particularmente, de mulheres que postavam defronte do Administracão do Concelho e soltavam imprecações contra a Ditadura e os carrascos do seu serviço.

Esta colera invadiu as próprias camadas medias locais e as próprias creanças do Barreiro.

Já num dos dias em que os janizeros da «Informa» foram a C.U.F. prender seis operários, houve uma mulher que lhes saiu ao encontro e lhes disse: «Se aqui estivessem meia dúzia de mulheres como eu, vocês não levavam esses trabalhadores!» Depois do dia 19, ao que nos informam, dois destes esbirros iam por uma rua meio deserta do Barreiro, comentando: «Isto o remedio, era agarrar em toda a geracao do Barreiro até aos 25 anos e encosta-los ao muro!». Duas mulheres que ouviam estas declarações torpes saltaram a ripostar a esses esbirros.

No dia 19, cerca de 3.000 pessoas, numa perfeita mole de massa humana encheu o largo fronteiro, à Administracão e todas as embocaduras, reclamando a libertação dos presos.

Os bufos e os espias fugiram espavoridos. Um, o Marquês da Bacalhoa, que não conseguiu esquivar-se foi apunado por um troço da multidão.

O Administrador do Concelho e um «União Nacional» fizeram de tribunos, empenhados em confortar a multidão. Tudo foi debalde. As massas reclamavam: «Queremos aqui os nossos camaradas!»

A G.N.R. recebeu ordem de carregar. Soaram as primeiras descargas. Então registaram-se casos dum verdadeiro heroismo. Algumas mulheres

para trabalho. Não ficou, porém por aqui e aumentou ainda a altura da cortiça nos tabuleiros. Era impossivel suportar mais. Os nossos camaradas, todos unidos, suspenderam o trabalho e dirigiram-se ao encarregado a quem apresentaram a sua reclamação. Depois de vinte

destacavam-se, justamente à cabeça dos manifestantes e debaixo das rajadas de fogo ofereciam o seu peito as balas e gritavam: «Que ninguém arrede pé! Uma outra inutilizava um GNR. Da multidão feminina, principalmente, gritava-se em unisono: «Vamos para a greve, até que libertem os nossos presos!»

A multidão em breve se manifestava defronte da cadeia, onde ainda se encontravam varios presos.

Esta manifestação do Barreiro devia ter ensinado aqueles que descreem na capacidade revolucionária das massas trabalhadoras — de quanto heroismo revolucionario são estas massas opacas. Por outro lado, demonstrou, e isto é que é importante, como os trabalhadores erguendo-se como um só homem, mesmo nos casos de luta parcial numa localidade ou numa fabrica, podem, por termo ao terror branco e à offensiva do capital, criando o seu próprio caminho; a conquista da liberdade e o entendimento da revolução, sob o signo dum levantamento geral de massas dirigido pelo partido de vanguarda.

A manifestação do Barreiro fallou uma direcção organizada do ponto de vista partidario. Se a tivesse havido, nós poderíamos ter realizado estas tarefas: 1.ª) desarmar a GNR 2.ª) soltar os presos que ainda se encontravam no «Olho do Boi» 3.ª) ir para a greve, no dia seguinte, em sinal de luta pela liberdade para todos os presos do Barreiro.

Alguns dos nossos camaradas ponderam justificar a sua falta de decisao com este argumento: nós estávamos com as mãos a abanar!...

A manifestação do Barreiro foi ruidosa, ligou a si o que ha de melhor a liguagem, mostrou que a maioria do povo barreirense está contra a Ditadura, poz a claro que a GNR apesar da força militar de elite vacilla no espingardeamento do povo houve 3 feridos mas foram-no pelas balas dum cabo de Policia e abriu uma divisao fr funda entre os próprios da União Nacional, justamente porque foi uma manifestação de massas.

No Barreiro, nos centros menos eivados de preconceitos do passado, passa-se à organização da luta. Quando se deram as novas prisões nas officinas Gerais do Sul e Oeste houve uma seque de 40 homens que abandonaram o trabalho. Se o levantamento não foi maior, isso deve-se a que varios camaradas, embora falando de «pistolismo», não fizeram senão virar as costas a organização da luta e não foram capazes de dar ás massas o grito de levantamento geral e de resposta, por meio da violencia — não de grupo, mas de massas — a brigada da Policia de Informaçoes.

Tudo isto nos indica que nós devemos depurar o Partido no Barreiro dos hesitantes, passivos e terroristas. g. nhar ás nossas fileiras o que há de melhor entre os trabalhadores barreirense: applicar as formas de luta de frente unica, luta pela queda e prestígio da Policia de Informaçoes, não numa luta isolada, mas sim como parte da luta pelas reivindicações concretas dos trabalhadores, pela liberdade, pelo pão e pela trabalho para estas massas.



### Pedagogia e fascismo

A brutalidade da dita tura fascista chegou ao seu ponto mais elevado; os seus efeitos atingem tudo e todos.

A concepção da mobilização totalitária da massa para a guerra, corresponde a dispersão do ataque por todos os campos da actividade do país.

Não são, só o proletariado industrial e agrícola, os pequenos camponeses e os pequenos produtores que sofrem a opressão económica e política; são, também, os estudantes, os intelectuais, todos enfim que querem pensar fora da «Política do Espírito», perseguidos pela reacção medieval fascista.

É preciso que os corpos obedeam, e necessário, portanto, que os espíritos não sejam perturbados por quaisquer doutrinas denunciantes do carácter bárbaro da cultura(?) fascista do nacionalismo estúpido e assassino da ditadura!

Por isso se arregimentam os literatos falidos, se espiam os professores de espírito livre e se perseguem os alunos cujas manifestações intelectuais e morais mostrem que virão a ser professores esclarecidos.

Vem isto acerca dum folheto, que nos chegou as mãos, intitulado «O Ensino da História». É sua autora Carmina Pinto Ferreira, ex-aluna da Escola de Habilitação para o Magistério Primário, de Lisboa; e ex-aluna porque a matéria do opusculo foi motivo suficiente para a sua expulsão daquela Escola, sob invocação dum artigo do seu regulamento que determina tal castigo para os que revelam «deficiências morais para o exercício do ensino».

Analisemos, rapidamente, a matéria que motivou tal decisão que arrancou definitivamente à sua autora, a possibilidade de seguir uma profissão que tão devotadamente iria exercer.

No ensino da história (nas escolas do país) — afirma Carmina Pinto Ferreira — não há pedagogia, não há verdade, nem moral, porque não se defendem nem respeitam os mais sagrados princípios humanitários. A seguir denuncia os efeitos nefastos do ensino da história, na educação social; mostra como é falso o conceito da história «que enaltece os feitos dos nossos em detrimento dos feitos dos outros; a história que defende o assassínio e o roubo quando foi cometido pelos nossos». Propõe, antes, que se estudem os factos materiais que condicionem a melhoria de viver dos homens e se dêem a história de reis e batalhas, como questão exclusiva do ensino da história, porque, assim o ensino da história não forma o carácter, não instrue; porque enaltecer a conquista, defender a guerra e glorificar o guerreiro, é um crime de lesa humanidade.

Evidentemente que, nas ideias expostas, nada há que possa ir contra a orgânica da burguesia. Todas elas a autora o diz, foram assimiladas das de bons tratadistas da matéria, burgueses todos eles.

Que há então? Que pode neste depoimento naver, que seja contra a sociedade fascista? — A denuncia implacável dos métodos com que se bestialisa as consciências das crianças com uma permanente excitação à ideia da guerra.

Não há nessa obra (é um defeito que o estudo e a realidade social impõem à autora) um conceito da

(Continua na 5ª página)

# Como decorreu o 1º de Maio

LISBOA — Apesar do terrorismo policial, várias manifestações se deram no dia 1º de Maio, mostrando assim, que de nada serve o terror fascista perante a coragem e revolucionarismo do proletariado português.

Um numeroso grupo de camaradas e simpatizantes percorreu o «Bairro das Minhocas» distribuindo manifestos e empunhando duas bandeiras vermelhas, uma das quais foi içada, com grande satisfação dos seus moradores, num mastro junto dum pequeno largo do mesmo Bairro. Muitos dos moradores chegavam às janelas pedindo manifestos e dando vivas ao comunismo. Foi muito notada uma mulher que pedia para que colocassem junto da porta de sua casa, uma bandeira vermelha.

Na Biblioteca Municipal foi içada por vários camaradas durante a noite, uma bandeira vermelha que foi retirada de manhã.

Em dois dos maiores hospitais foram distribuídos numerosos manifestos: o mesmo sucedendo no Quartel de Artilharia 3, onde os nossos camaradas soldados fizeram uma larga distribuição pelas casernas e corredores.

No Arsenal da Marinha 50,º do operariado faltou ao trabalho, e, em algumas oficinas, essa percentagem elevou-se a 90,%. Numa das oficinas somente compareceu ao trabalho um operário!

MAFRA — Nesta vila foi colocada durante a noite de 30 uma bandeira vermelha sobre a porta do convento, e distribuídos largamente numerosos manifestos. Pintaram-se numerosas foices e martelos, e fizeram-se inscrições com as palavras de ordem do Partido. No quartel da Escola Prática de Infanteria foram distribuídos muitos manifestos. E já pela segunda vez que esta distribuição se dá dentro do quartel, o que originou a requisição, feita a pedido do comandante, de dois agentes da Polícia de Informações para descobrir quem são os soldados comunistas dentro da Escola.

TORRES VEDRAS — Durante a noite foram pintadas pelas paredes de toda a vila numerosas foices e martelos de grande tamanho, e colocadas nos fios eléctricos, telefó-

nicos, portões de propriedades, nas placas indicadoras do transito, etc, numerosas bandeiras vermelhas com foice e martelo pintados. No alto do Castelo da vila esteve içada no mastro municipal uma enorme bandeira vermelha com a foice e o martelo, que se distinguia perfeitamente de todos os pontos da vila. Foram também espalhados manifestos do Partido.

De manhã andou a polícia com canas e escadas a tirar as bandeiras, e com latas de tinta a sujar os distintivos e palavras de ordem pintados pelas paredes, o que bastante irritou os proprietários dos prédios.

A bandeira esteve no Castelo até às 11,30 em virtude da dificuldade de retirá-la, pois estava amarrada ao mastro (no alto) e este é muito comprido.

Entretanto o entusiasmo em toda a vila era grande tendo provocado muitos comentários a audácia dos comunistas locais.

Aos automobilistas que passavam vindos de Lisboa e do Norte, causava espanto, pois que houve quem julgasse que estava implantado o bolchevismo...

VILA RIAL DE S.º ANTONIO — Nesta vila foram distribuídos muitos manifestos do Partido, o que provocou grande alvoroço entre os salazaristas locais e autoridades.

A pedido do administrador do concelho, veio uma brigada de Polícia de Segurança de Faro, para manter a «ordem» e investigar, quem foram os «autores» de tamanha «patifaria»...

Em BEJA, MONTIJO, SEIXAL e ALHOS-VEDROS os camaradas das organizações locais fizeram larga distribuição de manifestos do Partido.

Mais uma vez nos dirigimos aos camaradas das organizações locais para nos enviarem com a devida prontidão informes sobre os trabalhos de agit-prop local.

As notícias que nos são enviadas com atraso, de pouco ou para nada nos servem, visto que, sendo o «Avante» um jornal mensal, perdemos toda a actualidade.

### «Colaboração» de Classes...

Os Grandes Armazens do Chiado são a prova mais evidente dos resultados da «colaboração» entre Capital e Trabalho que a demagogia do Estado Novo apregoa.

Os empregados, pela deficiência de ordenados (120.000 a 250.500 mensais) são cada vez mais presa da tuberculose. Os poucos e ordinários medicamentos (xaropes e purgantes...) que a casa lhes concedia, foram retirados. Ultimamente mostrou-se bem como os patrões consideram o seu pessoal: matéria de exploração e nada mais.

Um empregado, chefe da secção de sedas, Romero, com 28 anos de

idade, foi posto na rua, sem qualquer reforma ou indemnização.

Motivo do despedimento? Ser o empregado já velho e por isso não servir para atender às elegantes.

Não foi a um empregado vulgar que isso se fez pois os patrões que o puzeram em chefe de secção, é porque ele sempre lhes zelou os interesses.

Empregados dos G. A do Chiado! Está aqui o exemplo do vosso destino, se não morrerdes à fome antes de chegardes a essa idade. Uni-vos em volta do Sindicato Unitário e da Célula comunista da empresa.

### «Delicias» do Estado Novo...

CADAVAL — Devido à situação criada pelo governo fascista de Salazar aos pequenos e médios produtores de vinho, uma crise de trabalho domina os trabalhadores rurais desta região, lançando-os na miséria e na fome. Os lavradores do concelho não dão aos trabalhadores mais do que três dias de trabalho por semana, e por um salário de cinco escudos!

Forçados pela miséria e pela fome os trabalhadores de algumas freguesias do concelho dirigiram-se à vila, pedindo pão e trabalho pelo Sr. Cunha Nery, administrador do concelho, foi-lhes comunicado que a única resposta que lhes tinha a dar, era a vinda de algumas camionetes com G.R.e metralhadoras, para os meter na «ordem»... E assim sucedeu, visto que este ilustre defensor da Ditadura, e homem de confiança do Governador Civil de Lisboa, tem às suas ordens duas camionetes com guarda republicana, que de terra em terra, e através dois concelhos (Cadaval e Torres Vedras) anda impondo a «ordem» salazarista.

Perante a política fascista, que nos explora e rouba, um só caminho nos resta: a formação de grandes comissões de camponeses que vão até junto das autoridades fazer as nossas reclamações, e que lutem contra as Federações fascistas negando-se a entregar os vinhos à Federação, e organizando manifestações contra a miséria que nos rodeia e contra a política de fome do governo de Salazar!

BEJA — A Câmara Municipal desta cidade, enveredou pelo caminho das «festanças», à imitação da de Lisboa. Assim, tendo realizado uma festa, há ainda poucos dias, tem, no entanto, já outra projectada para o dia 19. Quem paga estas festas somos nós, os trabalhadores.

A Câmara, em lugar de pagar os salários de fome aos trabalhadores, deixa, criminosamente, passar quatro semanas sem lhes pagar um único centavo dos seus salários, para com esse dinheiro proporcionar «festanças» à burguesia da região.

Eis aqui, bem expressada, toda a política do «Estado Novo» de Salazar: Proporcionar prazeres e divertimentos aos ricos e deixar os trabalhadores pobres, estoirar de fome e de miséria!

### Assim se luta!

Continuado da pagina anterior

e tal minutos de suspensão no trabalho e de reclamação, conseguiram que a cortiça fosse posta nos tabuleiros até à altura antiga.

E' assim, com motivos evidentes de protesto e numa união de todos os explorados que se deve lutar contra a exploração capitalista. Só pelas lutas parciais e concretas, em frente unica, nos podemos preparar para a luta que nos dá não uma diminuição minima na exploração que nos fazem, mas a conquista de todas as regalias que o nosso trabalho merece e que só o Governo Operário e Camponês nos pode dar.

Camaradas, aproveitemos o exemplo dos camaradas traçadores!

Somente pela formação, dentro da fábrica, dum amplo comité que vá até junto dos patrões apresentar as suas reivindicações, nós teremos probabilidades de as fazer triunfar



# Salvai SELEIRO e GUEDES das torturas da Policia!

O poder dos capitalistas e dos grandes lavradores abala-se nos seus fundamentos com a actiidade revolucionaria do Partido Comunista. Os Salazares, que receberam o encargo de submeter o proletariado e os camponeses laboriosos a ofensiva mais desumana da burguesia reaccionaria e dos senhores dos latifundios, são acossados pela colera das massas que sacode os alicerces da diadema. A ideia comunista penetra nas casernas e os navios de guerra e faz tremor os generais e os chefes supremos da ma'inha. A policia de Informacoes, impotente para liquidar o nosso Partido, range de raiva e dá novas proporções ao sadismo e ao terror bárbaro.

Os membros mais categorizados do nosso Partido são acossados como feras, pagam com o seu próprio sangue e com a morte a sua devoção à causa do proletariado. José Borges Seleiro, ex-trabalhador da Carris de Lisboa e Manuel Guedes, ex-ma'inheiro, acabam de cair nas garras da Policia do governo Salazar.

## E' PRECISO VIR EM AUXILIO IMEDIATO, EM DEFESA DESTES CAMARADAS!

Manuel Guedes já a estas horas deve ter sido torturado selvaticamente pelos verdugos da policia salazarista. Guedes tem de confessar! Ele tem de dizer quem são os componentes da Organização Revolucionaria da Armada (celulas do Partido Comunista). Para lhe arrancar confissões desta natureza a policia está empregando os mais ferozes meios de espancamento e de tortura!

Ao mesmo tempo, a Policia procura organizar-lhe um processo de tentativa de sedição militar, em vistas de obter do Tribunal Especial, uma condenação monstro.

Jose Borges Seleiro é considerado pela Policia de Informacoes uma das principais «chaves» do movimento comunista português. Militante destacado do movimento sindical revolucionário, membro da Comissão Executiva da Comissão Inter-Sindical e principal dirigente do Sindicato Unitário da Carris, Seleiro já havia sido julgado à revelia e condenado a seis anos.

José Seleiro, apesar de condenado, tem de dizer à policia quem são os dirigentes da Comissão Inter-Sindical, onde está toda a organização aderente a esta Comissão, onde está a tipografia do «O PROLETARIO» e quem são os elementos dirigentes do Sindicato da Carris.

Para obter toda esta folha de confissões a Policia tem massacrado José Seleiro a tal ponto que nós não sabemos se a estas horas ele é morto ou vivo.

Se a morte não trougou já estes dois abnegados militantes do Partido da luta pelo pão, pela terra e pela liberdade, a Policia vai fazê-los apodrecer no segrédo do Aljube ou numa esquadra, até que os seus ferimentos se encontrem meio cicatrizados.

## E' PRECISO VIR EM AUXILIO DESTES DOIS MILITANTES DA CLASSE OPERARIA E DOS CAMPONESES POBRES, DESTA PARTE MAIS SÁ DA CAUSA DE TODOS OS EXPLORADOS E DAS MASSAS ANTI-FASCISTAS DO PAIS!

Lutai pela cessação imediata da incomunicabilidade a José Borges Seleiro e a Manuel Guedes!

Exigi que as pe soas de familia e os amigos mais próximos destes dois camaradas possam visita-los imediatamente!

Eleger commissões, nas fabricas e nas oficinas e lutai porque estas commissões possam verificar pessoalmente o estado destes camaradas!

Enviai milhares de protestos ao Governo, contra os espane mentos a que estão sendo sujeitos José Borges Seleiro e Manuel Guedes!

Não consentais que estes camaradas tenham o destino que foi dado a Manuel Vieira Tomé!

Exigi a revisão do processo que condenou Seleiro a seis anos, e a revisão de todo os presos revolucionarios e anti-fascistas ao tribunal comum!

Por um alargamento da luta de solidariedade aos presos!

Luta comum pela amnistia para todos os presos revolucionarios e anti-fascistas!

## CONTRA AS COLONIAS FASCISTAS

(Continuação da 1ª página)

lhões, elevando-se actualmente a 636 milhões de rublos. Quere dizer, a União Soviética os trabalhadores compram mais e economizam mais, enquanto que em Portugal aumenta o custo da vida e o orçamento do «nêutico» dos trabalhadores fecha com um saldo negativo que se alarga.

O desenvolvimento cultural dos trabalhadores soviéticos contrasta singularmente com o obscurantismo e regressão cultural que se verifica sob «os auspícios» do Estado Novo. O governo salazarista toma medidas para reduzir o número de estudantes, nas faculdades e liceus, ao mesmo tempo que na URSS o número de estudantes, de escolas e de insitutos aumenta sem cessar. Há actualmente em uma massa de 50 milhões de pessoas que estudam, na União Soviética (uma pessoa por cada três habitantes). No começo do 1.º Plano quinquenal existiam 222 estabelecimentos de investigação científica; hoje exprime-se por 800 o número d'esss insitutos. Em 1934 as despesas consagradas a edificação cultural elevaram-se 13.800 milhões de rublos (197 milhões de contos — o orçamento geral do estado português para um ano, atinge 2,2 milhões de contos).

O governo salazarista emprega os seus melhores esforços para impedir que os trabalhadores portugueses tenham noticia do que se passa na URSS. Só são consentidos livros portugueses sobre a União Soviética desde que digam as mais salgadas mentiras.

A melhor maneira de responder ás calúnias anti-soviéticas do Estado Novo está na organização de delegações operárias, eleitas pelos próprios trabalhadores, nas fabricas, nos campos e nas oficinas, e que vão a URSS presenciar os sucessos da edificação socialista, para que, uma vez de regresso, possam denunciar as insidias salazaristas aos trabalhadores de todo o país.

## Ingressar no Partido Comunista, o único que possui uma teoria e prática revolucionária justa, é reforçar a Revolução!

# Os novos boatos de "entendimento"

Um pouco antes da publicação do presente número do «Avante!» chegou-nos o conhecimento que elementos e tegorizados do «revirinho» voltam a proclamar em surdina que um entendimento foi feito entre o Partido Comunista e os chefes republicanos.

Nós declaramos que todos as declarações dessa natureza carecem de fundamento.

O Partido Comunista tem lutado, dum modo inflexible, nos últimos tempos, no sentido de promover a formação duma frente comum contra o fascismo, pelos direitos democraticos das largas massas do povo, contra a ofensiva do capital, contra a ameaça da guerra e pela defeza da União Soviética. Os chefes republicanos, posto que dizendo-se anti-fascistas, têm feito ouvidos de mercador aos sucessivos apêlos do Partido Comunista.

Houve um tempo — e não muito recuado — em que os chefes republicanos,

apostados em desmoralizar o nosso Partido, servindo-se da declaração embusteira de que «o Partido Comunista não se interessa com a luta imediata contra a ditadura», se dirigiram à nossa própria base, em vários pontos, propondo-lhe firmas conspirativas de organização «para trazer à rua o revirinho».

A nossa base, coraçada contra este modo de provocação, respondeu-lhes: «dirigi-vos ao Comité Central do Partido!»

Desmascarados, resolveram mudar de processo, sempre em obediência ao seu velho objectivo: o empreendimento duma nova aventura militar, dirigida pura e simplesmente no sentido da «reconquista do lugar perdido», do arranjo dum para-raios a revolução que cresce no país, ou da realização duma saída prematura e isolada que sirva de pretexto à ditadura para a deflagração duma onda de terror, ainda mais selvagem, contra o Partido Comunista e contra as massas esfomeadas que se erguem resolutamente em vários sitios e que estão a caminho de ganhar ao seu campo a maioria dos explorados do país.

E' neste sentido que deve entender-se a recente declaração revirinhista: está feito um acordo entre nós e o Partido Comunista — quando a verdade é que os chefes republicanos têm fugido a todas as discussões deste caracter.

A nova alçada revirinhista é filha do seguinte: effectivos cada vez maiores das próprias massas que duram vários anos seguiram a demagogia do «revirinho... que ha-de vir» verificam que só o Partido Comunista conduz uma luta séria e abnegada, através dos maiores sacrificios e no meio do terror mais feroz, contra a ditadura, e deslocam-se para o campo da nossa influencia. Impossibilitados de passarmos em silêncio, forçados a ter em conta o factor — Partido Comunista — mas agentes que ainda não deixaram de ser da contra-revolução e do fascismo apenas marcado de «nacional-sindicalismo» de «salvação do prestígio do exercito» e de «arbitrário» — já não têm outro processo de pescar nas águas turvas e de arranjar organização para um Golpe de Estado, que não seja iludir o proletariado com a declaração embusteira: «Está feito o nosso acordo com o Partido Comunista!»

O Comité Central do Partido Comunista protesta veementemente contra este modo de provocação e põe em guarda contra ele as largas massas do proletariado.

Nós renovamos todas as nossas propostas de frente unica contra a ditadura, pela elevação do nível geral de vida das massas exploradas, pelos direitos democraticos para as implas camadas do povo, contra a guerra e pela defeza da União Soviética.

Nós estamos prontos a discutir todas as propostas dos chefes republicanos.

Porém, isto deve ficar assente duma vez:

**O PARTIDO COMUNISTA JAMAIS, SEJA EM QUE CIRCUNSTANCIA FOR, envolverá pelo caminho dos confusos secretos e inadmissivel a ideia, sequer, de que o Partido Comunista entre em qualquer especie de acordo, seja o que for, sem que a esse acordo se dê uma publicidade imediata.**

## Pedagogia e fascismo

(Continuação da 4ª página)

di-lectica da história. A sua posição ainda ideologicamente burguesa, não lhe deixa ver os nexos de classe entre os vários fenómenos sociais; o seu desenvolvimento do marxismo far-lhe a ver, até, o seu caso presente como uma violência que não transere os quadros da burguesia.

Não tenha a Carmina Pinto Ferreira ilusões. A honestidade que põe no seu trabalho é incompativel com a sociedade fascista, porque incompativel com a sociedade burguesa de 1935 que não tem soluções diferentes politicas, e não as pode ter culturais.

Veja os autores que considera seus Mestres. Verifique-lhes as datas. São todos anteriores ao período do fascismo, da preparação da guerra que esmaga os trabalhadores que lutam contra a opressão fascista.

«Dita-jura ou comunism» — dizem os ditadores.

Esta é a unica verdade dos inimigos da Verdade.

Por isso nos proclamamos: Ou pela burguesia e, então, pela guerra, pela rapina imperialista, pela opressão intelectual e moral, pela exploração e pela fome; ou pelo proletariado, pela libertação dos camponeses pobres, por uma nova vida ás classes médias e, então, em luta contra a guerra e o fascismo, pela revolução popular anti-fascista, pelo Comunismo e pela verdadeira Cultura Humana.

«Pessoas há que julgam que os leninistas devem manter perante os palavrosos e neuratónicos da esquerda, que os leninistas são sempre e em todos os casos a extrema esquerda entre os comunistas. E' falso, camaradas. Estamos á esquerda em relação com os partidos não comunistas da classe operária; mas nunca juramos «estar mais á esquerda que toda a gente» como entendia Parvus, o que lhe valeu uma censura de Lenine. Entre os comunistas, não somos nem «esquerda nem direita», somos simplesmente Leninistas. STALINE

# A VOZ dos nossos presos

Sob a manchete «Testemunho de grandeza revolucionária», o grande semanário internacional «Monde», dirigido por Henri Barbusse, uma das primeiras figuras da cultura mundial, consagra toda uma página do número de 12 de Abril aos «Jornais escritos nas prisões portuguesas».

Um fac-simile reproduz as cabeças dos «Boletins Inter-Prisionais» manuscritos pelos camaradas do nosso Partido e da J.C. que se encontram a ferros da Ditadura.

Três artigos aí são reproduzidos largamente: «A Prisão Escola e o Carácter», «A noite na prisão e a repressão», os dois primeiros extractados do Boletim Inter-Prisional dos camaradas de Peniche e o último de «O Jovem», órgão central da Federação das Juventudes Comunistas portuguesas.

«No próximo número — dizem os camaradas do «Monde» — publicaremos um jornal de prisão, editado pelo operário Manuel das Santos — operário de 19 anos, condenado a 22 anos, a quem os operários de Portugal chamam «o nosso Dimitroff».

Este facto é a prova de que o nosso trabalho revolucionário, o revolucionarismo inquebrantável dos nossos presos e os sofrimentos da nossa classe operária, sujeita à maldade das misérias e à pata do fascismo, ecoam além fronteiras, deslocam para nós as simpatias do proletariado e do movimento antifascista internacional e nos comovem e nos encorajam na luta pela condução dos explorados e oprimidos nacionais à vitória sobre o poder do capitalismo.

Os camaradas do «Monde» escrevem, num pequeno editorial que abre essa página:

«Portugal...

País de arvoredos policromados, de vinhedos e de canções...

País de padres, e de camponeses esfomeados; de grandes lavradores e de desempregados...

País que, há nove anos, é mão mortífera dum ditador fascista, estrangula...

Mas o cristianíssimo ódio de Salazar não consegue amordaçar este país que, um dia, será de novo um jardim da cultura humana.

Expulsa da luz do dia, zumbindo em segredo nos bairros proletários das cidades e nos casebres camponeses, elevando-se acusadora perante os juizes ignobeis, gemendo sob as torturas dos carcereiros, a verdade do futuro vive em Portugal.

Imaginarí vós este presos políticos que, arriscando a sua liberdade, a sua saúde e a sua vida, levantaram o estandarte do combate e, estiolando-se durante anos inteiros, na noite esgotante das enxovias medie-

vais, separados do mundo exterior por uma parede de chumbo, continuam a luta, solidários, com os seus irmãos em liberdade. Uma folha do papel, um lápis, uma pena — que dificuldades para obtê-los — mas eles encontram estes instrumentos de trabalho e escrevem.

E não são soluços de seres desfalecidos; não são gritos de desespero: os presos políticos de Portugal editam em plena prisão, escritos pelos seus próprios punhos, jornais de combate. «Jornais escritos por comunistas, para comunistas», so intitulam estes jornais que, ao preço de mil perigos, circulam de cela em cela, de prisão em prisão. A descoberta do autor dum destes jornais — e não é fácil chegar-se ao que é escrito pelo seu próprio punho — significa um prolongamento da pena por meses e por anos.

A luta dos presos políticos revolucionários nos diferentes países reveste, é certo, formas múltiplas e é rica de exemplos de heroísmo. Entretanto estes jornais dos presos portugueses constituem documentos únicos na história do movimento revolucionário.

## Balanço da primeira legislatura da Assembleia Nacional

Continuação da 1ª página

conómica, o Estado Novo esforça-se por manter os privilégios e os benefícios dos capitalistas indígenas e dos imperialistas ingleses, à custa de uma maior exploração e repressão das massas trabalhadoras do país, da pequena lavoura e do pequeno comércio.

Há pouco tempo, estabeleceu-se uma luta de concorrência entre três grandes companhias estrangeiras que detêm o monopólio da venda do petróleo e seus derivados. O petróleo baixou para \$50. Uma vez chegados a acordo, os directores dessas companhias resolveram aumentar o seu preço para 1\$20. Que faz Salazar? Obriga-os a manterem os preços anteriores? Não. Tira dos cofres do Estado — abolindo o imposto de Salvação Nacional sobre as importações da gasolina e do petróleo — para reduzir o preço agora imposto pelas companhias em questão. Mas uma vez se revela o «Estado Novo» como fiel laço do imperialismo britânico.

Trabalhadores, lêde  
«O Proletário»,  
Órgão da Comissão Inter-Sindical

# Abaixo o Trotsquismo!

A reorganização do nosso Partido, de Abril de 1929, donde resultou o começo duma luta séria pela bolchevisação das nossas fileiras, representa um rompimento completo da base do Partido com as tendências trotskistas que nele se propunham fazer um largo estrago.

A princípio dir-se-ia que o nosso combate se resumia à luta contra a fracção maioritária do Comité Central, que se havia tornado partidária da corrente Bukharine-Humbert-Droz. Efectivamente, nessa altura, o desvio de direita era o desvio principal.

Porém, se é certo que, no terreno internacional, os campos ainda estavam definidos entre a corrente direita Bukharine-H. Droz e a corrente de «esquerda» — Trotski — aqui, já em 1929, estas duas correntes formavam um todo harmónico, cujo objectivo consistia na liquidação do Partido. Para realizar esta tarefa os liquidacionistas propunham se manear a arma da direcção do Partido e do movimento sindical.

A tese da fracção maioritária do C.C. — corrente de direita, consistia essencialmente nos pontos seguintes:

1. — enquanto existir a ditadura é impossível fazer luta de classes;
2. — em Portugal é impossível fazer a revolução, sem que os outros países a façam;
3. — a nossa tarefa consiste em assegurar o aparelho do Partido e,
4. — nas questões da luta política, em seguir os chefes republicanos.

A tese da fracção maioritária do Comité Executivo dos Partidários da I.S.V. assemelhavam-se, em tudo, aos quatro pontos anteriores. Porém alguns dos seus elementos dirigentes chegados ao país, vindos do V Congresso da I.S.V., asseveravam que a corrente de Trotski engrossava-se e na U.R.S.S. se considerava Trotski «o mais revolucionário».

A constatação dos pontos que acima ficam formulados dá-nos uma certa facilidade de compreendermos porque é que a corrente de direita e a corrente de «esquerda», entre nós, se identificam.

O trotsquismo representou, em vários países uma espécie de parasitismo da revolução Soviética de 1917. A capitulação dos partidários de Trotski, nos países capitalistas, em face da luta contra o capitalismo era mascarada com frases de um grande rendimento revolucionário, sobre que «Trotski levará o Exercito Vermelho a sacudir o jugo capitalista em todo o mundo».

É claro que estas proclamações não podiam deixar de ter o apoio daqueles que afirmavam, por seu turno, que, em Portugal, é impossível fazer a revolução, sem que os outros países a façam e que, enquanto existisse a Ditadura, era impossível fazer luta de classes.

O nosso Partido cresceu e reforçou-se numa luta corajosa de vários anos contra estas duas correntes de castrados. Isto já revela uma prova da resistência da nossa classe operária o demonstra, por outro lado, quanto nós nos sentíamos ligados a nossa classe, ao rompermos definitivamente com esses contra-revolucionários, para levarmos o nosso Partido a ser digno da Internacional Comu-

nista, da cartilha de Lenine e do Staliné.

Os trotskistas ficaram durante algum tempo adormecidos, incapazes de — como hoje ainda sucede — actuar em claridade. A conclusão, porém, de 18 de Janeiro despertou-lhes o apêlito...

Por esta altura, Trotski havia passado já definitivamente ao campo da contra-revolução. Já estávamos, além disso, a cerca de um ano do triunfo temporário de Hitler e já havia tempo, também, que Trotski dirigira a «carta aberta» aos operários alemães, em que atacava asperamente a Internacional Comunista e o Partido Comunista Alemão. Do outro lado, «entre nós», foram vários os que tomaram o 18 de Janeiro como «uma derrota estrondosa do movimento revolucionário português».

E como os traidores e os confusos se haviam afastado completamente das massas, desconheciam, portanto, o heroísmo de que é capaz a classe operária, quando os dirigentes não lhe falham: como, além disso, estavam longe de medir a resistência do nosso Partido e o caminho andado desde Abril de 1929 no campo do reforço da nossa organização e da conquista das massas — acharam que efectivamente era para dar crédito a proclamação da Ditadura; «O Partido Comunista foi arredado da arena portuguesa por vários anos».

Apareceu, então, o jornal «Luta de classes». Os seus autores expunham no primeiro número — (depois deste, não vieram mais à luz do dia) —

1. — Se a reacção tem conseguido reerguer-se, é porque a massa tem faltado a preparação necessária;

2. — A «Luta de Classes» ensinará aos trabalhadores o modo de chegarem à vitória.

Os dirigentes do grupo «Luta de Classes» serviram-nos um bom prato de quixotismo.

Traçaram o plano da sua vida numa observação assaz errónea dos acontecimentos. Esperavam que o Partido Comunista tivesse morrido, para fazerem figura de mestres do proletariado.

O Partido não morreu e a luta de classes do proletariado prosseguiu, sem as lições do grupo luta de classes, para surpresa dos mestres.

(Continua no próximo número)

## OS COMUNISTAS E O S.V.I.

O S.V.I., organização internacional de auxílios vítimas dar e revolução — prossegue em todos os países à sua acção de solidariedade, cada vez mais vasta e cada vez mais necessária neste período de negra reacção fascista.

A secção portuguesa do S.V.I. que, hastes, em Portugal, a bandeira da solidariedade proletária e anti-fascista, faz constantes apêllos à consciência das grandes massas trabalhadoras, para que auxiliem e se incorporem na sua obra.

Não é demais insistir sobre o dever de todos os comunistas concorrerem para a obra do S.V.I., reforçando pela sua acção as fileiras daquela organização.

Reforçar a acção do S.V.I. na luta pelo regresso à metrópole, dos deportados de Angra!

Lutai pela amnistia!